

# Apontamentos sobre a experiência da internacionalização da pesquisa acadêmica

**Shirley Alves Torquato**

*Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense- UFF-PPGA com período sandwich na École des Hautes Études en Sciences Sociales- EHESS, sob a coorientação de Laurent Thévenot.*

## Resumo

O artigo a seguir tem como objetivo tecer uma pequena reflexão acerca da minha experiência na França como bolsista de doutorado sandwich, na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Procuo relatar inicialmente como se deu o processo de acolhimento nos grupos de pesquisa da universidade, os desafios para a realização de uma observação de campo em dois *logements sociaux* e a importância da internacionalização da pesquisa através de acordos, como o Capes-Cofecub.

**Palavras-chave:** habitação; *logements sociaux*; apartamentos; aluguel social.

## Abstract

The following article has the purpose to reflect about my experience in France as a fellow doctorate student at the École des Hautes Études en Sciences Sociales. Initially, I seek to describe how was the reception procedure of the research groups at the university, the events attended, the challenges to conduct a field observation in two *logements sociaux* and the importance of research's internationalization through agreements, such as Capes-Cofecub.

**Keywords:** housing; *logements sociaux*; apartments; social rent.

Este artigo tem como objetivo relatar brevemente a experiência que vivenciei por nove meses como bolsista de doutorado sandwich na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris, França, entre setembro de 2011 e junho de 2012. A pesquisa realizada foi viabilizada pelo Acordo acadêmico e institucional Capes-Cofecub n. 694/10, intitulado: *Regimes de Engajamento Particulares e Universais em Sociedades Plurais: processos de administração institucional de conflitos, ações*

coletivas e demandas de direitos e reconhecimento em perspectiva comparada (Brasil/França) estabelecido entre a Universidade Federal Fluminense - UFF e a École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS, através dos coordenadores Marco Antonio da Silva Mello (UFF) e Laurent Thévenot (EHESS).<sup>1</sup>

É preciso ressaltar que a parceria Capes-Cofecub tem sido de suma importância para o processo de internacionalização da pesquisa docente e discente no PPGA/UFF. Nos últimos quinze anos, três grandes acordos internacionais foram coordenados pelo professor Marco Antonio da Silva Mello e como decorrência, muitos docentes da Pós-Graduação e estudantes de doutorado foram beneficiados com bolsas de pós-doutorado, missões de estudo e doutorado sandwich em universidades da França, como principalmente na *École de Hautes Etudes en Siences Sociales* e na *Université Paris Ouest Nanterre La Défense*.<sup>2</sup>

Essas parcerias proporcionaram a inserção de pesquisadores, sobretudo, doutores e doutorandos numa rede acadêmica e institucional proporcionando-lhes intercâmbios com importantes centros de pesquisa, como o *Groupe de sociologie politique et morale* - GSPM e o *Centre de Recherches sur le Brésil Colonial et Contemporain* - CRBC.

O acordo Capes-Cofecub n. 694/10 procurou investir em pesquisas cujas temáticas estivessem associadas à ação de atores sociais em situações de conflito e suas diferentes atuações de engajamento frente às demandas de direitos e de justiça.

A pesquisa de campo que desenvolvi para o meu doutorado com moradores recém-removidos de uma favela na região fluminense para apartamentos

<sup>1</sup> Principais integrantes deste acordo: Felipe Berocan Veiga / Laura Graziela F. F. Gomes / Laurent Thevenot / Marc Breviglieri / Daniel Cefai / Fabio Reis Mota / Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto/ Leticia de Luna Freire e Pedro José García Sanchez.

<sup>2</sup> Todos os acordos envolveram alunos (sobretudo, de doutorado) e pesquisadores do PPGA UFF e pesquisadores associados ao LeMetro UFRJ/IFCS. Entre 2000 e 2001 os Profs. Marco Antonio da Silva Mello e Isaac Joseph coordenaram o Acordo Capes-Cofecub UFF/ EHESS n. 479/00-4 (BEX 0479/00-4) sobre políticas urbanas e associativismo no Rio de Janeiro e em Paris, intitulado Belleville: un exercice d'éthnographie sur la vie associatif en milieu urbain, dans une perspective comparative. O Convênio envolveu a UFF, a Université de Paris X-Nanterre, a EHESS e o Institut Parisien de Recherche: Architecture, Urbanistique et Societé- IPRAUS- CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). Principais integrantes: Felipe Berocan Veiga / Patricia Brandão Couto / Soraya Silveira Simões. De 2004 e 2006, foi realizado o acordo Capes-Cofecub n. 447/04, com o projeto: Sociologia da experiência privada e pública no Brasil e na França - A República no cotidiano: conflitos sociais, ações coletivas engajamentos associativos e provas pessoais, também coordenado por Marco Antonio da Silva Mello contou com os principais integrantes : Roberto Kant de Lima/ Patricia de Aratújo Brandão Couto / Isaac Joseph / Marc Breviglieri / Michel Misse / Soraya Silveira Simões / Daniel Cefai / Kátia Sento Sé Mello/ Dominique Vidal.

populares construídos através Programa de Aceleração do Crescimento- o PAC Habitação, tratou a mudança de endereço como um evento que lhes acarretou a reformulação de sentidos - lógicos, pragmáticos e dramáticos (Bateson, 2008) no processo de “acomodação” à nova moradia (Thevenot, 1994; Miller, 2013). Essa experiência acabou por gerar conflitos e diferentes formas de engajamentos para lidarem com a nova espacialidade. Havia, portanto em minha problematização, uma consonância explícita com os propósitos do acordo internacional.

## **Prólogo**

Ingressei no doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense em agosto de 2008, na linha de pesquisa Antropologia do Consumo, sob a orientação da Professora Laura Graziela F. F. Gomes, com o propósito inicial de estudar consumidores em situação de dívida. Por dezoito meses realizei entrevistas e observações de campo no Serasa, SPC e em feiras de pagamentos de dívidas de pessoas físicas promovidas pelas duas instituições, no Rio de Janeiro e São Paulo. Até então, meu objetivo era o de estudar o tema da dívida e do endividamento entre indivíduos oriundos das camadas médias urbanas e, mais especificamente, observar como utilizavam seus recursos financeiros para organizarem seus orçamentos e orientarem os gastos, tendo em vista especialmente, o fato de pertencerem a uma sociedade na qual o consumismo constitui-se numa ideologia central e um importante valor, algo passível de atribuir e conformar identidades estilos de vida e até mesmo definir formas de subjetividade.

Após a sugestão dos professores da banca de qualificação do doutorado, fui convencida de que mais do que estudar indivíduos isolados, seria mais interessante, do ponto de vista metodológico, utilizar um recorte etnográfico mais “clássico”, ou seja, um campo em que eu pudesse tomar como referência um grupo que se autodenominasse ou fosse percebido como endividado e que, a partir daí eu pudesse observar seus padrões de gastos e despesas, tendo como ponto de partida seus hábitos de consumo.

Paralelamente a esse período, aconteceu uma aproximação maior dos pesquisadores do Núcleo de Estudos da Modernidade - Nemo, núcleo

coordenado por Laura Graziela F. F. Gomes, com o Laboratório de Etnografia Metropolitana – LeMetro<sup>3</sup> ( IFCS-UFRJ), coordenado por Marco Antonio da Silva Mello. Nesse sentido, passei a conhecer e a ter maior entrosamento com as atividades deste núcleo de pesquisa, motivo que foi crucial para a escolha de um novo campo empírico.

Formado por uma rede de pesquisadores, alunos de mestrado, doutorado e graduação, o Laboratório de Etnografia Metropolitana - LeMetro desenvolve pesquisas de caráter etnográfico em torno de projetos voltados à questão urbana, análises de políticas públicas de planejamento, intervenções no meio urbano, dentre outras temáticas que contemplem os fenômenos de metropolização.<sup>4</sup>

Foi a partir deste maior entrosamento com o LeMetro, que passei a vislumbrar um “campo moral” por excelência e projetei minhas expectativas e observações num conjunto habitacional recém-construído pelo Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, no Morro do Preventório, Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro.

O início da observação do PAC do Morro do Preventório se deu quando aceitei a sugestão do professor Marco Antonio da Silva Mello, de acompanhar uma colega francesa que estava em visita ao Brasil, por conta do acordo de colaboração internacional Capes-Cofecub, ao Morro do Preventório. Halima M’Birik então estudante de doutorado em Antropologia da *Université Paris Ouest Nanterre La Défense*, naquela ocasião pesquisava na cidade francesa de Nanterre, formas de engajamentos políticos entre habitantes dos *logements sociaux*<sup>5</sup> e, por esta razão, tinha o interesse em conhecer favelas cariocas e suas respectivas associações de moradores. Por coincidência, na mesma época da visita da pesquisadora francesa,

<sup>3</sup> O LeMetro integra um importante Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT), o Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos - InEAC.

<sup>4</sup> Distintas instituições acadêmicas compõem o corpo de pesquisadores do LeMetro, tais como: Departamento de Antropologia (DAC) do IFCS-UFRJ, o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR-UFRJ, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e o Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) do ICHF-UFF, a Escola de Arquitetura e Urbanismo - EAU-UFF, o Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da FEBF-UERJ, o Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP-UERJ, o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPCIS-UERJ, o Laboratório de Estudos da Sociedade Civil e do Estado - LESCE-CCH-UENF, o Departamento de Serviço Social da PUC-RJ e o Departamento de Ciências Sociais do IUPERJ-UCAM. Fonte: <<http://lemetro.ifcs.ufrj.br/index.php>> . Acesso em 28/07/2015.

<sup>5</sup> Logements sociaux são habitações sociais existentes na França desde o final da década de 1950.

alguns pesquisadores da UFF e do LeMetro tinham iniciado contatos com a Associação de Moradores do Morro do Preventório (AMMP) em Niterói, dentre eles, minha orientadora Laura Graziela Gomes e Marco Antonio da Silva Mello, tendo em vista algumas demandas que a Prefeitura de Niterói havia feito ao grupo de pesquisadores da UFF, visando uma consultoria técnica para a implantação de um telecentro na localidade.

Acompanhei então a pesquisadora à localidade e apoiando-me no artigo de Collette Pétonnet, deixei-me conduzir pelas particularidades daquele campo, influenciada pela ideia da “observação flutuante” (2008; p.102), “prática” que consiste no pesquisador permanecer vago e disponível em toda a circunstância e não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso e deixar-se “flutuar”, de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referência e de convergências apareçam e possa então, descobrir algumas regras subjacentes do campo.

A partir desta visita, tive a certeza de que o conjunto habitacional do PAC do Morro do Preventório, que, naquela ocasião estava em vias de finalização era o campo empírico que eu precisava para analisar as dinâmicas e estratégias relacionadas à organização do consumo doméstico. Nesse sentido, resolvi estudar não a questão associada ao possível endividamento daqueles moradores que foram para os apartamentos, mas, sobretudo, os impactos socio-lógicos e as novas formas de engajamento associados às novas fontes de gastos e de consumo que a mudança de endereço desencadeou.

### **A preparação para o intercâmbio**

Após a visita da pesquisadora francesa e da mudança do meu campo de pesquisa, comecei a vislumbrar a possibilidade de estabelecer um diálogo mais estreito com os pesquisadores franceses envolvidos do acordo Capes-Cofecub e estender minha observação através de um doutorado sandwich. Expus ao professor Marco Antonio da Silva Mello, coordenador do acordo, os meus planos e obtive uma resposta prontamente positiva e satisfatória.

A partir de então, durante 15 meses, intensifiquei minha inserção no novo campo etnográfico e paralelamente, dei andamento aos trâmites necessários para a concretização do estágio: aulas de francês, confecção do visto e do passaporte estudo para a certificação de proficiência no idioma emitido pela Aliança Francesa e preparo de dossiê para pedido de moradia na *cit  universitaire* em Paris.   válido ressaltar que os funcionários da Capes mantiveram contato frequente através de email para prestar orienta es e tirar d vidas em todo o processo.<sup>6</sup>

Seis meses antes do início de meu estágio na França, o professor Laurent Thévenot e três professores integrantes do *Groupe de sociologie politique et morale* GSPM – EHESS e pesquisadores associados ao LeMetro, Marc Breviglieri, Luca Pattaroni e Dominique Schoeni, participaram na UFF de um ciclo de palestras relacionadas ao Acordo Capes–Cofecub. Foi a primeira oportunidade que tive de conhecê-los e também de levar Laurent Thévenot, coordenador do acordo Cofecub e meu futuro orientador, para conhecer o meu campo empírico.

### **O estágio de imersão na língua: Vichy primeiro contato na França**

As atividades discentes iniciaram-se em setembro na EHESS, no entanto eu cheguei em junho em Vichy<sup>7</sup> para o curso de francês, pois o lado francês do acordo, o Cofecub, patrocinou um curso de imersão linguística intensivo de 45 dias na cidade. A dinâmica do curso incluía aulas de gramática pela manhã e oficinas de teatro, de vocabulário, de jogos, dentre outras atividades, no período da tarde. Nos finais de semana, havia uma agenda organizada pela equipe de apoio e acolhimento do curso, com atividades culturais e históricas, através de

<sup>6</sup> Para conseguir uma vaga na Cit  Universitaire é preciso enviar um dossiê com no máximo dois meses de antecedência, que será avaliado pela gestão local. O valor do aluguel de um quarto na Cit  é considerado baixo em se tratando da cidade de Paris, por isso é um processo muito disputado. Há um regime de intercâmbio na própria cit  em que cada Maison, deve abrigar no mínimo 20% de estudantes de outros países. Por essa razão eu fiquei apenas um mês na Maison du Brésil e fui enviada no mês seguinte para o Colegio D'Espagne. Na Maison Du Brésil a maioria dos moradores   estudante de doutorado sanduíche ou pesquisador de pós-doutorado. Nas outras maisons há uma concentra o maior de alunos mais jovens em sua maioria estudantes de Gradua o, Master I e Master II.

<sup>7</sup> Cidade onde foi realizado o curso de imersão na língua francesa. O Curso Cavilam é o mais conhecido curso de imersão na localidade a atrai estudantes do mundo inteiro. A pacata cidade, de baixa densidade populacional era de certa forma estigmatizada no país por ter sido chamada de França de Vichy, durante a Segunda Guerra Mundial devido a forte influência nazista.

passeios à vilarejos e cidades vizinhos.<sup>8</sup>

## A chegada à Paris

O primeiro mês em Paris foi norteador por resoluções ligadas à burocracia. Durante toda minha estada morei na *cit  universitaire* sendo que no primeiro mês residi na *Maison du Brésil* e no mês seguinte fui direcionada para o *Colegio d'Espagne*, habita o que morei até o fim do estágio sandwich. Muito do que aprendi sobre mobilidade e resolu o de questões burocráticas ocorreu através do apoio dos colegas da *Maison do Brésil*. Por isso é importante ressaltar a importância dos compatriotas e dos veteranos na aquisi o do *modus operandi* na cidade.

A *cit  universitaire* não é apenas um espaço de moradia. L  possui serviço de correios, academia de ginásticas, cafeteria, biblioteca espaço para exposi oes e festas, banco e o restaurante universitário. Este último é mais interessante do ponto de vista etnográfico, do que propriamente pela alimenta o que oferece. Devido a grande circula o de pessoas, moradores ou visitantes estudantes ou não, havia a possibilidade de sempre conhecer pessoas de diversas nacionalidades, como turcos, marroquinos, mexicanos e mesmo os parisienses durante o almoço. Foi durante um almoço que conheci um colega que seria um futuro interlocutor da minha pesquisa.

Durante toda minha estada em Paris, morei na *cit  universitaire*. Eram tantas festas e convites para jantares, almoços e passeios com os novos amigos que, para ficar sozinha era preciso desligar o celular. Outra observa o pertinente   que na *Maison du Brésil* havia um número expressivo de estudantes brasileiros e o convívio ostensivo com os compatriotas, dificultava a fluência do idioma local. S  quando fui para o *Colegio d'Espagne*, passei a me comunicar com mais frequência através do francês.

A vida na França é uma vida que inspira os estudos. As bibliotecas são espaços frequentados, não apenas por estudantes, mas por um público bem

<sup>8</sup> Havia naquela ocasião, oito alunos de doutorado no país que foram para o estágio linguístico em Vichy, graças ao convênio Capes-Cofecub. Apenas eu era do Rio. Dois estudantes eram de Minas Gerais, uma do Ceará, uma de São Paulo, um de São Carlos, uma do Rio Grande do Sul e outro de Pernambuco. Durante dois meses que antecederam a viagem, uma funcionária da Capes repassou os mesmos emails com cópia para os todos os oito alunos de doutorado, dando orienta o para procedermos em rela o   burocracia da viagem (documenta o necessária, local e horário do v o e da nossa hospedagem em Vichy, dentre outras).

diversificado. Em todos os *arrondissements* – bairros – existe ao menos uma biblioteca que é mantida pela prefeitura. Além da busca pelo acervo, as pessoas tendem a procurá-las por ser um local onde é possível ler em silêncio e usar o *wifi*. As maiores bibliotecas, como a *Bibliothèque Nationale de France* (BNF) funcionam de segunda à domingo até às 20 horas e possuem uma grande frequência. Mas em Paris, as pessoas leem em todos os lugares: no ônibus, no metrô, no ponto de ônibus, dentre outros.

Eu costumava frequentar a biblioteca da EHESS, por causa das amizades que fiz com os estudantes de doutorado, pois sempre saíamos para piqueniques às margens do Rio Sena, logo após o fechamento. Outra biblioteca que eu tinha o prazer de frequentar era a do *Musée Quai Branly*, que tinha o acervo especializado em Etnologia, no entanto, a motivação era de outra ordem, a sua localização. O trajeto, que eu percorria de bicicleta era muito agradável aos sentidos. Próximo ao museu eu me deparava com a Torre Eiffel. Era uma alegria diária fazer aquele passeio e quando já estava na sala da biblioteca eu podia ler e ainda olhar para a Torre através da janela. Graças ao acervo desta biblioteca eu consegui um rico material sobre aspectos sociológicos da casa.

### **Finalidades do estágio sandwich**

Embora o intuito primordial da tese e do estágio sandwich não tenha sido a realização de um estudo comparativo entre habitações populares no Brasil e na França, considere fundamental conhecer habitações sociais francesas, pois os *logements sociaux* representam o produto mais exemplar da política de habitação popular na França e no mundo.

No entanto, se no Brasil eu poderia facilmente me apresentar como uma pesquisadora a algum morador, representante ou presidente de associação de moradores e pedir para conhecer a localidade (e até tirar fotos de sua casa) essa facilidade eu não encontraria na França, principalmente pelo fato de ser eu uma estrangeira.



## **A importância de ter um campo (e um informante) na França**

Em todos os *arrondissements* deparei-me com os conjuntos habitacionais, principalmente na parte sul de Paris, onde havia a maior concentração de imigrantes (18 *émme*, 19 *émme* e 20 *émme*), no entanto em todas as ocasiões em que tentei estabelecer uma aproximação com algum morador, fui recebida com desconfiança e cautela. Era nítido que eu precisava de um informante privilegiado francês, que fosse morador ou pesquisador.

A estudante francesa Halima M'Birik, que fez parte da equipe de pesquisadores da *Université Paris Ouest Nanterre La Défense* e aluna do professor José Sanchez, pesquisou *logements sociaux* na cidade de Nanterre, *banlieue* próximo de Paris, mas, por questões pessoais, precisou abandonar o curso de doutorado um pouco antes de minha chegada à Paris. Conseqüentemente eu precisei rever meus métodos de inserção no campo.

Eu sabia que o fato de eu ser estrangeira e de até então, não dominar o idioma, dificultaria muito a entrada solitária em qualquer habitação social. Desta maneira, num primeiro momento, minhas atividades acadêmicas ficaram direcionadas somente aos seminários de estudos na EHESS, às palestras e aos congressos.

## **A École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS**

A EHESS é um dos mais prestigiosos estabelecimentos europeus de ensino superior e de pesquisa na área de Ciências Sociais. Seus núcleos de pesquisa tendem a seguir uma abordagem interdisciplinar e multidimensional. Chama atenção pela excelência de seu quadro de pesquisadores e docentes e pelo número de estudantes e diretores de estudos conveniados com importantes instituições estrangeiras.

Laurent Thévenot, importante diretor de estudos da instituição, coordenador francês da *Convention Capes-Cofecub*, responsável pela coorientação de estudos e o acolhimento dos bolsistas, na ocasião de minha estada em Paris, passou por um período sabático e por esta razão encontrei-o em poucas oportunidades. No entanto, debatemos um pouco sobre a minha pesquisa e ele indicou o professor Daniel Cefai, diretor de estudos da EHESS, pesquisador do GSPM, membro do *Centre d'étude des mouvements sociaux – Institut Marcel Mauss CEMS–IMM* e pesquisador membro da convenção *Capes-Cofecub* para que me desse toda coorientação que fosse necessária.

Na EHESS cursei a disciplina ministrada por Daniel Cefai *Sociologie des mobilizations collectives*. Tivemos reuniões de orientação e recebi sugestões bibliográficas e de metodologia. Indicou-me pesquisadores da EHESS, como uma aluna de doutorado, que na ocasião escrevia uma tese sobre consumo doméstico em Cuba, Margareth Mullet. Reuni-me com a referida pesquisadora na EHESS e conversamos sobre nossos campos empíricos e trocamos referências bibliográficas e informações sobre metodologia. Frequentei também o Seminário de Estudos *Metropolisation et subjectivités*, organizado pelo diretor de estudos, Michel Agier. A dinâmica deste Seminário foi estruturada através de palestras apresentados por pesquisadores que eram convidados a cada encontro.

Fui à colóquios e congressos, tanto na EHESS quanto na *Université Paris Ouest Nanterre La Défense*. Nesta universidade fui recebida pelo professor Pedro José García Sánchez, também membro associado ao Acordo Capes-Cofecub e ao LeMetro em seu gabinete, onde recebi orientações de estudo.

Tive o privilégio de fazer doutorado sandwich na EHESS no mesmo período em que minha orientadora brasileira, Laura Graziela F.F. Gomes esteve lá para realizar uma pesquisa de pós-doutorado, através do mesmo Acordo Capes-Cofecub. Na ocasião ela frequentou o grupo coordenado pela diretora de estudos da EHESS, Mônica Raisa Schpun, o grupo de trabalho *Migrations et espaces urbains* do *Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain*- (CRBC-EHESS).

### **Centre de Recherches sur le Brésil Colonial et Contemporain (CRBC – EHESS)**

À convite de minha orientadora brasileira, Laura Graziela Gomes e da diretora de estudos e coordenadora do grupo de trabalho *Migrations et espaces urbains*, no *Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain*-CRBC – EHESS, Paris), Monica Raisa Schpun, participei das reuniões mensais do grupo e tive a oportunidade de apresentar dados sobre a tese para a equipe de pesquisadores que frequentavam o grupo e recebi grandes contribuições teóricas e metodológicas.

### **Conhecendo um *logement social* em Paris**

Apesar da participação ativa em eventos na universidade e seis meses após o início do estágio sandwich eu não havia descartado a possibilidade de realizar

um estudo de campo nos *logements sociaux* franceses, no entanto, sabia o quanto seria necessária a presença de um informante. Despretensiosamente, no entanto enquanto almoçava no restaurante da *cit  universitaire* com um colega francês, Philippe, comentei sobre a minha ansiedade. Foi quando, para o meu espanto ele falou que morava num *logement social* há dez anos, próximo a *cit * e que poderia ser um interlocutor para mim. Sugeriu que marc ssemos inicialmente com o guardião do conjunto habitacional, uma espécie de síndico, para que ele pudesse me explicar melhor a dinâmica deste tipo de habitação. Para a minha sorte, Philippe conseguiu marcar para dois dias depois.

Philippe mora no 13<sup>o</sup> *arrondissement*, alguns quarteirões após a *cit  universitaire*. A localidade do 13<sup>e</sup> * mme*   um distrito considerado de classe média, muito bem localizado em termos de serviços e o *logement* e fica próximo   estação de Tramway, de ônibus, do metrô e de um comércio variado. Ao chegarmos em seu prédio, logo após o almoço, Vincent, o guardião, foi muito simpático e receptivo. Philippe nos apresentou e eu comentei o interesse daquela visita. Vincent me explicou inicialmente que em todos os *logements sociaux* existe a figura do guardião. Os guardi es exercem a função de um administrador ou síndico, prestando apoio aos locatários dos apartamentos e resolvendo questões burocráticas associadas à Prefeitura. Este encontro foi providencial, pois ele pôde responder-me a muitas questões sobre consumo doméstico, inadimplência dos moradores e sociabilidades entre vizinhos.

O local é extremamente limpo e arborizado. Segundo Vincent, l  possui uma média de 1 mil moradores. Enfatizou que devido à política de *mixiet  sociale* - definida como “mistura social”, onde há a presença simultânea ou coabitação de pessoas de diferentes grupos sociais, culturais ou etários, origens e nacionalidades diferentes - os vizinhos possuem estilos de vida, profissões e salários variados: “Tem de tudo aqui. Gente que ganha bem e gente que quase não tem dinheiro nenhum”.

O condomínio é bem limpo, arborizado, com muitas flores na sacada e super silencioso. Há coleta seletiva de lixo. As crianças são proibidas de brincarem nos corredores, para evitar barulho e inc modo aos demais moradores. Segundo relatou, os moradores são calmos e não há casos de violência ou roubo.

Vincent mora no primeiro dos treze blocos de apartamentos. Em seu apartamento há uma antesala, onde ele recebe os moradores para prestar esclarecimentos ou tirar quaisquer dúvidas referente aos imóveis ou aos espaços comuns. Existem quatro tipos de imóveis no *logement* que administra: *studios* no último andar (para solteiros), apartamentos de um quarto, dois quartos e três quartos. O menor tem 20 metros quadrados e o maior, 60 metros quadrados. O valor do aluguel (com as despesas do condomínio inclusas) variava entre 200 e 600 euros.

Esse tipo de habitação também recebe o nome de HLM (*habitation a loyer modéré*) por possuir um aluguel abaixo do valor do mercado imobiliário. Fora do circuito dos HLM, o aluguel de um *studio* de 30 metros quadrados naquela área, custaria não menos do que 1.100 euros.

Segundo Vincent, cada interessado por um apartamento como este necessita preencher e enviar à prefeitura um dossiê em que conste, dentre outras informações, o estado civil, a profissão, a renda familiar e demais dados de todos os possíveis moradores. Ressaltou, porém, que por conta de restrições de investimento público na construção de novos prédios nos últimos quinze anos, a espera por um apartamento nesses moldes, leva no mínimo dez anos. Na análise dos dossiês, a prefeitura tende a respeitar as necessidades dos moradores, principalmente quanto ao tamanho para alojar todos os membros da família e as possibilidades de gastos com o apartamento.

Philippe, que mora sozinho, por exemplo explicou que, se porventura convidasse a namorada para morar com ele, deveria antes pedir permissão à Prefeitura, uma vez que, morando num *studio*, construído para solteiros (por isso, paga 200 euros), abrigar uma segunda pessoa significaria em termos objetivos, que ela poderia dividir as despesas, ao mesmo tempo, poderia desgastar demais o espaço que inicialmente fora construído para abrigar apenas uma pessoa. A alternativa, do ponto de vista legal, seria, formalizar o pedido de um apartamento maior, através do envio de um novo dossiê e enquanto o novo apartamento demandado não fosse liberado, o casal deveria desocupar o imóvel ou continuar morando em casas separadas, pois, caso contrário, se descobertos, poderiam ser multados e não teriam mais nenhum pedido

aprovado, no caso de pedidos futuros.<sup>9</sup>

Quanto à manutenção dos prédios e dos apartamentos, todos os reparos que porventura sejam necessários, devem ser avisados pelo morador à prefeitura. Obras e modificações via de regra, são proibidas, salvo quando antecipadamente são comunicadas à prefeitura e acordadas com ela.

A prefeitura é quem custeia a manutenção dos prédios e apartamentos. Como pertencem ao Estado, não podem ser alugados ou sublocados por terceiros. Qualquer novo membro que, por alguma razão, saia do imóvel ou passe a morar nele, a informação deve ser passada à prefeitura, que pode julgar conveniente ou não (sobretudo, no último caso).

Eu perguntei sobre possíveis moradores despejados por dívida com aluguel e Vincent respondeu que apesar de muitos moradores exercerem atividades profissionais instáveis, os assistentes sociais da prefeitura, auxiliam para que isso não ocorra.

No térreo de cada um dos treze prédios eram afixados cartazes e avisos com observações da prefeitura local sobre os cuidados que deviam ser tomados pelos moradores com as crianças, com os animais de estimação e com a manutenção dos apartamentos. Cada prédio possui um elevador, onde cabem apenas duas pessoas espremidas. O elevador só vai até o penúltimo andar. Philippe precisa subir um lance de escada para chegar ao seu apartamento.

O apartamento de Philippe possui 20 metros quadrados composto por: sala, lavabo e cozinha. O sanitário fica no corredor externo ao apartamento e é dividido com uma idosa, moradora do *studio* ao lado. Philippe pediu permissão à prefeitura para construir um pequeno box com *sale de bain* para aumentar seu conforto e não precisar ter que tomar banho em banheiros públicos, sobretudo no inverno. Os seus móveis são amontoados devido ao espaço reduzido e, devido a isso, comentou que tem em sua casa apenas o que considera imprescindível: uma cama de casal beliche, para receber amigos, uma geladeira (com pouca ou

<sup>9</sup> Certa vez acompanhei uma amiga que estava à procura de um quarto para alugar e fomos até o endereço anunciado na internet, que ficava no 17<sup>o</sup> étage. Por coincidência, ao chegarmos no local vimos que era num logement social. A moradora pedia 400 euros mensais pelo aluguel do quarto. Num caso como esse, se a locatária fosse descoberta pela Prefeitura, perderia o direito de continuar no imóvel, bem como qualquer outra possibilidade de fazer novo pedido de aluguel social.

quase nenhuma comida, pois ele diz preferir fazer suas refeições fora de casa, nos restaurantes populares), uma televisão, um aparelho de DVD, uma mesa, um pequeno gaveteiro e uma caixa onde guarda roupas limpas (as roupas sujas ele lava e seca nas lavanderias públicas existentes na cidade, principalmente na Cidade universitária, próximo de onde mora).

Philippe não trabalha e vive de economias que fez ao longo de dez anos, quando trabalhou como professor, somados a uma pequena herança que recebeu após a morte dos seus pais. Lamenta que vive com um orçamento bem restrito, por isso suas despesas são bem muito equilibradas: paga o aluguel de 200 euros; almoça e janta no restaurante universitário, por considerar mais acessível do que fazer compras no supermercado e num mês sem imprevistos, diz gastar em torno de 450 euros, com todas as despesas inclusas.

### **Logements sociaux em Nanterre**

Os *logements sociaux*, são habitações públicas sociais que possuem o aluguel a “preços moderados”. A sua criação no país ocorreu na década de 1950 e teve como objetivo suprir a falta de moradia para a classe operária, formada principalmente por imigrantes das ex colônias francesas que viviam em habitações insalubres com suas famílias nas *bidonvilles*.<sup>10</sup>

A França desde a década de 1950 tornou-se um paradigma no que se refere ao planejamento de políticas públicas de habitação aliado às lutas da classe operária. Apesar do modelo francês se distinguir em larga medida da realidade brasileira, desde o início do estágio sanduíche tracei como meta conhecer um pouco sobre os *logements sociaux*, para criar algumas indagações referentes ao modelo adotado pelo PAC em especial sobre o que vi no PAC do Morro do Preventório.

A política habitacional baseada na construção de grandes blocos de apartamentos de habitação social - *Logements sociaux* - iniciou-se nos anos 1950 em meio à hegemonia do modernismo fordista e à consolidação do Estado de bem-estar social, o que promoveu o apaziguamento das tensões sociais a partir da transferência de centenas de famílias mais pobres, sobretudo de imigrantes de colônias francesas, que viviam em favelas – as chamadas *bidonvilles* – para

<sup>10</sup> A tradução literal para *bidonvilles* seria: cidade de lata.

apartamentos populares, com alugueis a valores considerados abaixo dos valores de mercado – *Habitation a loyer modéré* - HLM.

Paralelamente ao contato que estreitei com Philippe ao conhecer o *logement* em que morava, busquei por sucessivas vezes uma aproximação com Halima para que ela pudesse intermediar o meu contato com os membros da Associação de Moradores de Nanterre, cidade emblemática no que se refere à consolidação das habitações sociais no país. Nosso encontro aconteceu um mês antes do fim do meu estágio sandwich.<sup>11</sup>

Combinamos nosso reencontro na Estação do RER - Nanterre Université.<sup>12</sup> Ao chegar lá pude perceber que a atmosfera local se diferenciava bastante de Paris. Havia uma forte presença de descendentes de argelinos, marroquinos e tunisianos. Nas ruas da cidade, as famílias eram mais numerosas; muitas mulheres usavam véus, lenços e roupas bem compridas de acordo com a cultura muçulmana.

Ao chegarmos na associação, a pesquisadora Halima MBirik me apresentou à Imbrahim Redha, presidente da associação dos moradores dos conjuntos habitacionais *Marcellin Berthelot* e de *Provinces Française*. Esses conjuntos eram, segundo Redha, os mais antigos *logements* da cidade de Nanterre, datados do final da década de 1950. Nesta ocasião conversamos um pouco sobre a minha pesquisa no Brasil e expus o meu interesse em conhecer alguns moradores daquela localidade. Marcamos um novo encontro na semana seguinte, num dia em que Redha avisou que haveria uma festa promovida pela prefeitura de Nanterre, para reforçar o lazer e a sociabilidade entre os moradores dos dois conjuntos habitacionais. Seria, portanto, uma oportunidade para conhecer outros funcionários da Associação e alguns moradores.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> Nanterre é um banlieue que fica no máximo a 25 minutos de distância ( de RER) de Paris. A cidade é conhecida pela Universidade Paris Nanterre Ouest e pela luta dos imigrantes por habitação popular na década de 1960.

<sup>12</sup> RER É a sigla em francês para: Réseau Express Régional. Rede Expressa Regional. Uma rede ferroviária urbana que serve as grandes aglomerações e consiste na integração das linhas da periferia a uma rede subterrânea ou ao ar livre que atravessa o centro das aglomerações. Possui correspondências com o trem metropolitano.

<sup>13</sup> Segundo Donzelot (2012) no final dos anos 1960, o modelo de *logements sociaux* começou a receber críticas devido a homogeneidade tipológica, monotonia arquitetônica, perda da escala humana, falta de integração com o restante do espaço urbano e, principalmente, pela segregação socioespacial que ajudou a produzir. Em 1973, uma diretiva do governo francês proibiu a construção de novos conjuntos compostos por mais de 500 unidades residenciais. Uma década após, o ideário de *mixité sociale* - mistura social - foi acionado pelo discurso oficial. A partir dos anos 1980, inúmeras pesquisas atribuem à segre-

A festa estava marcada para começar às 14 e 30. Fui escalada para montar os brinquedos (mesas de jogos de totó, cadeirinhas de balanço e mesas de desenho) e tirar fotografias. A festa aconteceu na área externa do conjunto habitacional de *Marcelin Berthelot*. Os vinte e cinco prédios do conjunto habitacional eram rodeados por muitas árvores. Havia uma grande área gramada com brinquedos para as crianças e instrumentos de ginástica para os adultos. A limpeza, organização e a aparente tranquilidade do local, de nada lembraram os conjuntos habitacionais cariocas, como o PAC do Morro do Preventório. Os funcionários da associação e alguns moradores levaram brinquedos, jogos, chás e biscoitos para as crianças e seus familiares que participaram da festa.

No evento, Redha me apresentou a alguns moradores e funcionários da prefeitura de Nanterre que lá estavam presentes. Conversei com muitos moradores, dentre eles crianças, adultos, homens e mulheres. Joseph Ridolfi, um dos membros da associação, me relatou que a rua em que está localizado o conjunto habitacional de *Marcelin Berthelot* chama-se 17 de outubro em homenagem a data em que ocorreu o massacre contra os operário argelinos em 1961 pela polícia francesa. Segundo o Ridolfi, *Marcelin Berthelot e Province Française* possuem juntos em média 8 mil habitantes. Segundo dados da prefeitura em Nanterre 75% dos imóveis são habitações sociais.

Durante as conversas com moradores, percebi que o passado de seus familiares imigrantes é ainda muito presente e tende a ser uma importante referência para se pensar a vida na cidade e naqueles apartamentos. Muitos deles, argelinos ou descendentes, tiveram seus pais e avós estimulados a irem para França com suas famílias, para trabalharem nas fábricas e montadores de automóveis, como a *Citroen*. No entanto, ao chegarem em Paris, havia um grande déficit habitacional e o valor dos aluguéis eram incompatíveis com os seus baixos salários, logo, tinham condições de morar apenas em barracos improvisados e insalubres, que foram posteriormente chamados de *bidonvilles*. Durante anos, muitos foram os protestos nas ruas e nas fábricas, reivindicando melhores

---

gação determinados problemas sociais, tais como desemprego, violência, delinquência juvenil e baixos rendimentos escolares. É nesse contexto que toma forma o elogio à diversidade e à heterogeneidade e a mistura social alcança status de política pública, passando a ser acionada como uma das soluções para a crise urbana que atingia as sociedades do capitalismo central.



condições de trabalho e melhores salários, no entanto, devido a truculência da polícia, diversos trabalhadores morreram em confronto.

É preciso ressaltar que logo ao sair da Estação do RER em Nanterre, fiquei impressionada com a quantidade de prédios em vias de construção. Foi quando me informei sobre o Programa Nacional de Renovação Urbana (PNRU), lançado pelo governo francês em 2003, cujo o objetivo é promover a transformação dos subúrbios populares - os *banlieues* - através de uma série de ações, como a promoção da diversidade funcional e a instalação de equipamentos públicos, além da reforma e demolição dos grandes conjuntos habitacionais ocupados por famílias de baixa renda. A proposta é que os modelos antigos de *logements*, sobretudo aqueles que existem nos *banlieues*, sejam derrubados e que os moradores passem a residir em prédios mistos, para reforçar a política de “*mixité sociale*”. Prática, que no entanto, anda é vista com desconfiança por parte dos urbanista e pelos moradores.<sup>14</sup>

### **Tecendo as redes em Nanterre**

No evento promovido pela associação, além de eu ter auxiliado na organização da festa, de ter conhecido moradores e funcionários da prefeitura local, fui convidada pela coordenadora de desenvolvimento local, Aline Adouane, para participar de um comemoração sobre a história da cidade, mais especificamente sobre a história de uma família moradora de uma *bidonville* de Nanterre. Este evento, que aconteceria uma semana depois, compreendeu uma exposição de fotografias de Monique Hervo, lançamento do livro de Laurent Maffre, além da exibição de um longa metragem de Brahim Benaicha.

---

<sup>14</sup> “A recém-criada autoridade metropolitana de moradia deverá elaborar um plano metropolitano do habitat, incluindo metas quantitativas e de territorialização. O objetivo é produzir 70 mil novas habitações por ano – incluindo todas as faixas de renda –, distribuindo as de forma mais equitativa e de acordo com a oferta de transporte e serviços pelo território da aglomeração (lembrando também que está em curso uma grande operação de ampliação do metrô na escala metropolitana de Paris). Na prática, ao invés de cada município da aglomeração elaborar e aprovar seu plano diretor, cada municipalidade deverá aprovar um plano diretor intercomunal, que deve estar de acordo com o plano metropolitano de habitat. Inclusive no que se refere ao número de unidades residenciais que deverão ser abrigadas e sua localização. Um fundo de investimentos urbanos estará disponível para ajudar as prefeituras a construir os espaços e equipamentos públicos necessários”. Disponível em: <<http://raquelrolnik.wordpress.com/2013/03/06/pariscriaorgaometropolitanodehabitacao-temosalgosemelhanteporaqui/>>. Acesso em 26/12/2012

O evento ocorreu no Théâtre Nanterre-Amandiers, com direito a buffet argelino para os convidados. Estavam presentes no evento funcionários da prefeitura e pesquisadores de centros de estudos, como por exemplo, d'Abdelouahab Zahri, responsável pelo polo de estudantes secundaristas e superior de Nanterre; Joseph Ridolfi, representante dos moradores de Berthelot e de Provinces Françaises; Magali Fricaudet, relações públicas da prefeitura e cooperação com o mundo; Aline Adouane, coordenadora e agente de desenvolvimento local da prefeitura de Nanterre; Alain Boquet, responsável pela sociedade de História de Nanterre e Brahim Benaicha, autor do filme produzido em 1998 e exibido nesta ocasião.<sup>15</sup>

As fotografias de Monique Hervo são registros das *bidonvilles* de Nanterre, no período de 1962 à 1966, quando trabalhou como voluntária no auxílio aos moradores daquela localidade. Tais fotografias e suas respectivas análises estão presentes ao final do livro de Laurent Maffre, que também foi lançado naquela ocasião, cujo título, *Demain, demain – Nanterre, Bidonville de la folie*, retrata em quadrinhos a história do filme *Vivre au paradis*, produzido em 1998, por Brahim Benaicha. O enredo narra o drama das famílias de imigrantes argelinos que foram para a França trabalhar na construção civil sem, no entanto, possuírem remuneração digna que os garantisse a mínima qualidade de vida e de moradia.<sup>16</sup>

O evento foi impactante e ao final da exibição, o filme foi aplaudido e na sequência houve debate com o cineasta e a fotógrafa.

### **Conhecendo um apartamento num logement em Nanterre**

Conforme combinado anteriormente com Ridolfi, visitamos uma moradora, que eu já havia conhecido na festa da associação. Ela estava ciente de minha pesquisa e me recebeu de forma calorosa e simpática. De origem argelina, Simira é funcionária da prefeitura de Nanterre e mora há quinze anos em um dos apartamentos desde que sua filha nasceu. Paga um aluguel de 450 euros no imóvel de 55 metros quadrados, distribuídos em dois quartos, sala, cozinha e banheiro.

<sup>15</sup> Resenha do filme. Disponível em: <[http://www2.cndp.fr/TICE/teledoc/dossiers/dossier\\_vivre.htm](http://www2.cndp.fr/TICE/teledoc/dossiers/dossier_vivre.htm). Acesso em 18/08/2012>.

<sup>16</sup> Link do livro: <<http://legrenierdechoco.overblog.com/articledemaindemainlaurentmaffre104098584.html>. Acesso 14/08/2012>.

O *Logement* em que mora tem mais de trinta blocos de apartamentos e parte deles será demolida, pois segundo relatou, uma estrada será erguida nos arredores, o que implicará na remoção de famílias que moram ali. De janela de sua sala, Simira aponta os escombros de alguns blocos que foram derrubados e os novos que estavam sendo construídos no entorno. Segundo ela, a preocupação dos seus vizinhos é que os aluguéis ficarão mais caros devido ao tamanho maior e a modernização dos novos prédios. O aluguel de um apartamento nos moldes do seu, num prédio novo, custaria em torno de 750 euros, ou seja, quase o dobro do valor que ela pagava naquela ocasião.

O valor do aluguel em *Berthelot* ou *Province Française* variava entre 300 e 600 euros para apartamentos de dois a quatro quartos. Segundo Simira, moradores com dificuldades financeiras recorrem ao “plano de família”, o qual a prefeitura gera múltiplas possibilidades para pagamento das dívidas. Assim como em Paris, cada interessado por um apartamento social deve entregar um dossiê e espera em média, cinco anos.

Mãe solteira, Simira recebe 1800 euros de salário em seu emprego na Prefeitura de Nanterre, mas sempre realiza trabalhos extras nos finais de semana (como babá, cozinheira etc.) para manter um padrão de vida melhor e ter mais conforto. Ressaltou, no entanto, que não considerava as despesas domésticas caras (aluguel, eletricidade, água, telefone e internet) e não costumava trocar mobílias e eletrodomésticos com facilidade, pois julgava desnecessário.

Relatou que morar numa habitação social em Nanterre confere um status negativo, pois as pessoas de fora da cidade tendem a construir representações estigmatizantes devido à fatores geográficos e sociais: à relativa distância de Paris, a forte presença de imigrantes, o passado da cidade marcado pela existência das *bidonvilles* e a baixa produção de atividades culturais, como peças de teatro, exposições e cinema.

Através desse relato, é possível identificar que arbitrariamente, a história de militância na cidade transformou-se num estigma para os moradores, pois, os conjuntos habitacionais passaram a ser identificados como espaços de “má reputação”, reforçando a identificação dos bairros populares como guetos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que o meu propósito durante o doutorado sanduíche não tenha sido o de realizar um estudo comparativo para a tese entre habitações populares na França e no Brasil, as observações etnográficas que fiz em Paris e em Nanterre foram fundamentais para que eu pudesse identificar com mais clareza as especificidades do meu campo, no PAC Morro do Preventório.

No caso do PAC Habitação a transferência da propriedade dos apartamentos para os moradores foi uma condição *sine qua non* do projeto, afinal os moradores foram removidos de suas habitações antigas na favela e “recompensados” com a posse e propriedade dos apartamentos, no entanto, contraditoriamente, não teriam o direito de vendê-los ou alugá-los. Os apartamentos populares na França, permaneciam como propriedade do Estado, que cobrava um aluguel com valores menores do que os de mercado para a população de renda mais baixa, mas toda a manutenção era de responsabilidade do Estado.

No que se refere aos moradores das habitações sociais na França, a primeira questão importante a se destacar quanto às origens dessa população. No caso de Nanterre eram todos imigrantes ou descendentes em segunda e terceira gerações. Em termos europeus especialmente na França e em Paris, a “pobreza” possui uma dimensão étnica. No Brasil esta dimensão existe, mas ela é naturalizada, diferentemente do que ocorre na França. Disso decorre que em ambas as sociedades os estigmas existem, mas eles são diferentes e possuem funções também diferentes como operadores no sistema social para definir o conceito de pobreza. Nesses termos, no caso francês, a pobreza não é percebida como propriamente “nativa” ela é “de fora”, pois diz respeito aos imigrantes.

A segunda questão foi a constatação da existência de uma história relativamente longa e complexa sobre a existência de uma política social do Estado Francês e a manutenção de uma relativa continuidade em que pese diferentes governos que se alternam no poder. Boa parte das pessoas com as quais conversei nesses *logements* eram moradores antigos, muitos nasceram e viveram boa parte de suas vidas neles.

Quanto aos efeitos socioespaciais do PNRU, se para as famílias com rendimentos superiores à média as intervenções foram recebidas positivamente, significando a oportunidade de reorganizarem suas vidas sociais e familiares em um novo ambiente, a renovação, para os mais pobres, pode ser encarada como uma transformação que os projeta para um futuro incerto, visto o rompimento de determinados elos sociais que garantiam a neutralização de precariedades e ausências, bem como o pagamento de um aluguel social acima dos valores que já estavam acostumados.

O encontro e a festa em Nanterre me mostraram, que, através dos bens culturais ali apresentados e produzidos no âmbito desses projetos de patrimonialização, tais como exposição de fotografias, livros e filmes, pretende-se construir uma memória do programa ao longo de sua existência, ao mesmo tempo política, institucional e coletiva, não apenas do ponto de vista dos governos e instituições, mas, sobretudo do ponto de vista de seus moradores e dos demais habitantes dos lugares onde se encontram.

No Brasil, apenas recentemente, as favelas vem sendo recuperadas sob o ponto de vista patrimonial, como um elemento importante da paisagem e da cultura urbana brasileira. Isso vem acontecendo, sobretudo em relação a algumas favelas históricas, consolidadas a partir dos projetos de urbanização e de “pacificação” de que foram objetos, como é o caso de Santa Marta (CUNHA; MELLO, 2011), mas não existe nada ainda sobre os PACs especialmente voltado para os modos de vida de seus moradores e ligações com as culturas locais onde estão inseridos.

Por fim, o “sonho da casa própria” é muito mais comum entre os brasileiros do que entre os franceses. Segundo os franceses, é menos dispendioso viver num imóvel alugado pela prefeitura. Retomando à fala de Vincent, o guardião do logement do 13<sup>o</sup> éme de Paris: “Aqui se der algum problema de infiltração no corredor, por exemplo, o morador entra em contato com a gente e logo o serviço será realizado pela prefeitura. Os moradores não tem que pagar por isso, porque já pagam o aluguel”.

Estes apontamentos foram possíveis graças à experiência privilegiada que tive durante o estágio sanduíche. As contribuições para a tese foram incontáveis:

pude conhecer dois *logements sociaux* franceses, importante referência em habitação popular da Europa, pude estabelecer contato com moradores de alguns apartamentos sociais, conhecer dois desses apartamentos e identificar valores e hierarquias de consumo doméstico predominantes nos dois universos observados. Esse olhar para o “outro” foi de suma importância para que eu pudesse aprofundar o meu olhar sobre as particularidades da “habitação social” do campo do PAC Morro do Preventório. Ademais, viver numa metrópole como Paris durante um ano para fins de estudos e ter contato com a infinidade de fontes de história e de pesquisa potencializa a importância do exercício científico. Não tenho dúvidas do quanto o contato com os campos empíricos (embora breves) e o diálogo estabelecido com pesquisadores consolidados e em formação, fizeram e continuarão fazendo toda diferença em meu percurso universitário e em minha história de vida. Sinto-me muito mais fortalecida profissionalmente e com um diferencial positivo para lidar com as múltiplas especificidades do universo acadêmico. Os acordos acadêmicos, sem dúvida, são uma importante ferramenta de internacionalização dos profissionais da ciência e fundamentais para pensarmos melhor a realidade local.

## REFERÊNCIAS

1. BATESON, Gregory. *Naven: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
2. CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO, Marco Antonio da Silva. Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização na favela. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, V. 4, n. 3, jul./ago./set. 2011, p. 371 - 401. Disponível em: <[http://www.ifcs.ufrj.br/~lemetro/mello\\_e\\_cunha\\_novos\\_conflitos\\_na\\_cidade.pdf](http://www.ifcs.ufrj.br/~lemetro/mello_e_cunha_novos_conflitos_na_cidade.pdf)>. Acesso 30-07-2013.
3. DONZELOT, Jacques. *À quoi sert la rénovation urbaine*. Paris: PUF, 2012.
4. MILLER, D. *Trecos, troços e coisas*. Estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
5. PÉTONNET Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. (n. 25, 2. sem. 2008, n. 1, 2. sem. 1995). Niterói: UFF, 2009.

6. THÉVENOT, Laurent. Le régime de familiarité. Des choses en personne. In: **Genèses**, 17, 1994. Les objets et les choses. pp. 72-101. Disponível em : <http://www.youscribe.com/catalogue/presse-et-revues/savoirs/religions/le-regime-de-familiarite-des-choses-en-personne-article-n-1-972611> . Acesso em 15/08/2013.